



*REP's - Revista Even. Pedagóg.*

Número Regular: Sociologia da Educação

Sinop, v. 9, n. 3 (25. ed.), p. 973-986, nov./dez. 2018

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

DOI: 10.30681/2236-3165

---

## A AÇÃO DOCENTE NA PREVENÇÃO AO ABUSO SEXUAL INFANTIL<sup>1</sup>

### TEACHING ACTION IN THE PREVENTION OF CHILD SEXUAL ABUSE

Jeciane Ribeiro da Silva

#### RESUMO

O presente artigo tem como finalidade discorrer sobre as práticas pedagógicas que são realizadas para prevenir o abuso sexual infantil na escola. A pesquisa foi realizada em uma escola municipal da cidade de Sinop, Mato Grosso e fundamentou-se nos autores Philippe Ariès, Lúcia Calvancanti de Albuquerque Willims e Edvânia Braz Teixeira Rodrigues. Foi realizada por meio de observações em uma sala de aula com crianças de seis a sete anos e um questionário com a professora alfabetizadora. Os resultados apontaram que são desenvolvidas atividades lúdicas como brincadeiras, músicas, teatros e danças que contribuem para a prevenção do abuso sexual infantil.

**Palavras-chave:** Educação Básica. Práticas pedagógicas. Abuso sexual infantil.

#### ABSTRACT<sup>2</sup>

This article aims to discuss the pedagogical practices that are carried out to prevent child sexual abuse in school. The research was made in a municipal school in Mato Grosso State and was based on authors like Philippe Ariès, Lúcia

---

<sup>1</sup> Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **A AÇÃO DOCENTE NA PREVENÇÃO AO ABUSO SEXUAL INFANTIL**, sob a orientação da Dra. Irene Carrillo Romero Beber, Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus Universitário de Sinop, 2018/1.

<sup>2</sup>Resumo Traduzido Professora Mestra Betsemens B. De Souza Marcelino. Professora interina do curso de Letras da UNEMAT / Sinop, 2015. Mestra em Estudos da Linguagem pela UFMT/Cuiabá. Graduada em Licenciatura Plena em Letras - Português/Inglês pela UNEMAT/Sinop, 2013.

Calvancanti de Albuquerque Willims and Edvânia Braz Teixeira Rodrigues. The methodology was observations in a classroom with children aged six and seven years and through a a questionnaire with the literacy teacher. The results showed that ludic activities such as games, music, theaters and dances are developed, contributeing to the prevention of child sexual abuse.

**Keywords:** Basic Education. Pedagogical Practices. Child sexual abuse.

Correspondência:

**Jeciane Ribeiro da Silva.** Graduanda em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL). Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail: [jeciane.ribeiro@yahoo.com](mailto:jeciane.ribeiro@yahoo.com)

Recebido em: 20 de setembro de 2018.

Aprovado em: 23 de outubro de 2018.

Link: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/3321/2390>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como temática a ação docente na prevenção ao abuso sexual infantil a escolha desse tema se deu devido ao grande número de abusos sexuais sofrido pelas as crianças. Segundo os dados da UNICEF<sup>3</sup>, no Brasil esse número é assustador aumentando cada dia mais:

A cada hora, 228 meninos – e principalmente meninas – são explorados sexualmente em países da América Latina e do Caribe. Só no Brasil foram registrados, em média, cinco casos por dia entre 2003 e 2008, de acordo com levantamento feito a partir dos dados do Disque 100, um serviço do governo federal que é referência nessa área. Cada criança explorada representa a última etapa de uma série anterior de violações dos seus direitos, que não foram respeitados. A violência, a negligência e o abuso conduzem à exploração sexual de crianças e adolescentes. (KASTBERG, s.d.).

A partir dessa realidade surgiu os questionamentos de que forma a escola mediante as ações pedagógicas poderiam contribuir para prevenir e minimizar essas

---

<sup>3</sup> UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância. A UNICEF tem o objetivo de promover a defesa dos direitos das crianças, suprir suas necessidades básicas e contribuir para o seu desenvolvimento, e está presente em 191 países e territórios de todo o mundo. Disponível em <<https://www.significados.com.br/unicef/>>. Acesso em: maio 2018.

práticas de abusos contra as crianças, como identificá-las, como abordar esse assunto e o que a professora pode fazer para prevenir os abusos sexuais contra a criança.

Para o desenvolvimento desse trabalho foi realizada observação na escola de educação básica em Sinop, Estado do Mato Grosso, com os alunos de seis a sete anos, e foi abordado reflexões sobre o sentimento da criança com Philippe Ariès (1978), e sobre a violência sexual infantil com Lúcia Calvancanti de Albuquerque Willims (1999) e, suas consequências com Marcia Faira Westphal (2002).

## **2 REFLEXÕES SOBRE A INFÂNCIA**

Quando se fala em criança, não se pode imaginar esta etapa da vida como um devaneio, e sim, pensar em um conjunto de fatores que constitui determinados modos de vida que incluem a família, a escola, pai, mãe, entre outros que colaboram para que haja diferentes modos de pensar, refletir e habituar-se sobre a infância.

Desde a antiguidade o sentimento de infância tem passado por várias transformações através dos tempos, das culturas e das sociedades. Ariès (1978, p. 99) discorre que:

Na sociedade medieval [...], o sentimento de infância não existia – o que não quer dizer que as crianças fossem negligenciadas, abandonadas ou desprezadas. O sentimento da infância não significa o mesmo que afeição pelas as crianças: corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia. [...], ela ingressava na sociedade dos adultos e não se distinguia mais destes.

A ausência do sentimento impedia que a criança fosse percebida e aceita pelas suas especificidades, mesmo tendo pai e mãe não eram vistos e nem aceitos como crianças e sim, mais um ser, outro que fazia parte da sociedade e, que eram tratados como adultos sem distinção sendo iguais aos demais da sociedade.

Porém, a partir do fim do século XVI, o sentimento de preocupação com a criança tornou-se visível, e cada vez mais significativos dando início a um novo período, onde as crianças começam a ser percebidas, saindo do anonimato, pois, “os costumes começaram a mudar, os modos de se vestir, a preocupação com a educação e separação das crianças de classes sociais diferentes.” (ARIÉS, 1978, p.

218). A criança que antes não era vista e valorizada, começa a ocupar aos poucos de forma significativa um espaço na sociedade e na educação. O autor (1978, p. 159) ressalta ainda que após a: “Idade Média a educação da criança passa a ser garantida pela aprendizagem junto aos adultos, e que, a partir dos sete anos, as crianças viviam com outras famílias que não era a sua”. O que fica evidente que as crianças eram separadas de seus familiares de forma precoce para viver com outras famílias, crescendo com a ausência de amor, afeição e cuidados de seus próprios pais e familiares.

A família é fundamental no desenvolvimento das crianças. Pimenta (2009, p. 7) afirma que:

A família é um lugar privilegiado de socialização e educação para as novas gerações, pois, além da transmissão da vida, possibilita a inserção de significados, valores, pertença, respeito e diálogo. Oferece oportunidades para o enfrentamento e superação de conflitos, disputas, ausências, escassez e agressividade.

A família é o lugar onde a criança se sente protegida, acolhida e se prepara para os desafios e obstáculos que enfrentarão ao longo de sua adaptação no meio social, e na ausência da “família” a criança fica exposta a vários tipos de situações como os maus tratos, castigos cruéis, trabalhos escravagistas e principalmente expostas aos abusos sexuais infantis que podem ser praticados por pessoas que fazem parte ou não do convívio da criança.

Essas práticas que sempre existiram, e, que ainda fazem parte das práticas realizadas nos dias atuais contra as crianças como Westphal (2002, p. 95) discorre que:

A violência contra esses grupos etários “crianças” [...] acompanha a trajetória humana desde os acontecimentos mais primitivos de que se têm registros, sendo também inumeráveis as modalidades pelas as quais se expressa dentro das diferentes culturas. Da mesma forma vítimas frequentemente se tornam agressoras, evidenciando a complexa trama de relações presentes nesse fenômeno.

Nesse processo histórico, não tem sido fácil a criança se manter como sujeitos de sua própria história. Pois foram sempre marcadas por rejeição e violência.

### **3 DEFINIÇÃO DO ABUSO SEXUAL INFANTIL**

Compreender este fenômeno do abuso sexual infantil, primeiramente no sentido de entender o conceito de “violência sexual” Willims (1999, p. 1) define este termo descrevendo que:

Abuso sexual e maus tratos constituem todas as formas de abuso físico, emocional, sexual, negligência ou tratamento negligente, comercial e outras explorações, resultando em dano potencial ou real para a saúde da criança e do adolescente, para a sua sobrevivência, desenvolvimento e dignidade, no contexto da relação de responsabilidade, confiança e poder.

Portanto, na realidade atual percebe-se, que a maioria dos casos de violência e abusos ocorre de formas silenciosas, deixando marcas profundas em suas vítimas. Essas práticas não estão isoladas das relações econômicas, pois não importa se é rico, pobre, ou que moram em favelas ou em grandes centros, se negros, meninas ou meninos, sem separação entre relações de gêneros, independente da cultura estas ações estão presentes em todos os lugares.

E na maioria das vezes ocorre com pessoas muito próximas, dificultando ainda mais a dialogicidade com as mesmas, que estão cercadas de medos por pensarem que ninguém pode ajudá-los. Westphal (2002, p. 76) afirma que:

Essas crianças crescem e se tornam profundamente confusas e ambivalentes. Envenenadas pela agressão que vivenciaram, tendem a reagir em duas formas diferentes ou oscilar entre elas. Podem se voltar para dentro, refugiando-se em si mesmas e submergindo sua dor e raiva em amortecimento emocional. Com frequência, ficam profundamente deprimidas; veem-se como malvadas e merecedoras de punição; são amedrontadas, não tem esperanças, são ansiosas, possuem uma baixa auto-estima, quase sem nenhuma confiança em si mesma e sem saber como lidar com a vida.

Os desequilíbrios emocionais trazem consequências gravíssimas que impedem que as crianças, se concentrem afim de desenvolver suas habilidades de aprendizagem e socialização na comunidade em que vivem e na comunidade escolar, bloqueando-as de se prepararem para uma vida adulta.

### **4 A ESCOLA E O ABUSO SEXUAL INFANTIL**

A escola como um espaço de formação de indivíduos pode proporcionar através de aprendizagens educacionais, campanhas e abordagens com objetivos de instruir as crianças, de maneira que as mesmas possam compreender, ou seja, identificar possíveis abusos e até mesmo romper com o silêncio. Ikawa (2007, p. 37) relata as dificuldades que algumas crianças encontram em expressar suas experiências dolorosas falando que:

A criança pode permanecer calada, pois acredita que ninguém pode protegê-la, mesmo que as pessoas de sua casa tenham consciência do que se passa, porém, a criança acredita que ninguém possui meios para ajudá-la; temor em perder o afeto do agressor, quanto mais próximo biologicamente, mais a criança se cala; receio em ser julgada como culpa pelo meio social em que vive; medo de represálias, como por exemplo agressões ou ser retirada de sua família.

O papel da escola nesse aspecto é muito importante, se aliada na luta contra a violência sexual infantil, juntamente com professores, coordenadores e todos os profissionais que fazem parte da instituição escolar. Através de campanhas intencionais a fim de prevenir tais práticas, pois a prevenção é o primeiro passo a ser dado nesses casos.

Como discorre Willims (1999, p. 46) que, “o primeiro nível de prevenção, ou seja, prevenção primária, envolve aplicar programas educativos antes que o abuso aconteça”. As campanhas preventivas na comunidade escolar principalmente nos anos iniciais na escola contribui com que, as crianças possam saber que existem muitas formas de violência, e entendem que estão presentes em todos os lugares, nas brincadeiras e até mesmo no carinho, por parte do violentador/abusador que são utilizados de formas simbólicas, com intencionalidades para praticar tal ato com a criança.

Nesses casos a participação da escola é fundamental segundo os autores Ippolito e Santos (2011, p. 14):

Quando crianças ou adolescentes sofrem qualquer tipo de violência e não recebem ajuda por parte da comunidade, da escola, ou mesmo da sociedade, internalizam a concepção de que a agressão é algo aceitável, assim perpetuando a espiral da violência. Daí a importância da escola na criação de um ambiente de acolhimento, que propicie a escuta de crianças e adolescentes que vêm vivenciando situação de violência sexual. A escuta é o primeiro passo para ajudar aqueles que manifestam a necessidade de apoio. O educador pode e deve ser um grande aliado dessas crianças e

adolescentes; por isso, faz-se importante que conheça as dimensões do fenômeno e saiba como enfrentá-lo.

Os profissionais precisam estar preparados para lidarem com esses assuntos o Art.5º do Estatuto da Criança e Adolescente, ECA determina qual é a postura do professor diante dessa situação.

Garante nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punida na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais. Com isso professores e demais profissionais da educação devem se preocupar com estes problemas.

O professor precisa estar atento nas expressões dos alunos, pois nos Art. 18 e 70, do ECA, garante, “que impõem a todos o dever de velar pelos direitos assegurados a crianças e adolescentes, auxiliando no combate a todas as formas de violência, negligência ou opressão”. Conforme garante o ECA, é necessário envolvimento e empenho da comunidade escolar e da sociedade.

#### **4.1 Intervenções pedagógicas contra os abusos sexuais infantis**

A escola como instituição de formação social, tem o contato direto com as crianças. Cumpre com o seu papel não apenas de educadora mais, também assume um papel social e de integração, em conjunto com os demais profissionais da educação, e se envolvem com as questões de vivências sociais da comunidade escolar.

Assim, contribui na identificação de possíveis causas de abuso, que podem colaborar com as dificuldades de aprendizagem, leitura e escrita dos alunos, até mesmo de socialização e interação, fazendo-se necessário, a realização de algumas abordagens, onde o profissional pode fazer uso de sua influência com o aluno, na tentativa de mudar, ou seja, diminuir o número de violência e abusos que são cometidos diariamente nos mais diferentes lugares

Bedin (2006, p. 25) ressalta que: “A alegria, o choro, a raiva, o ciúme, são expressões distintas de modo de ser e de estar na escola que não podem passar despercebidas”. Comportamentos estes que podem ser um grito de socorro. Daí a importância do profissional da educação e todos que estão envolvidos, terem um

olhar mais flexivo e investigativo a fim de conhecerem a realidade vivida por esses alunos.

O Art. 245 ECA determina que o professor tem que comunicar as autoridades sobre o casos de abuso:

Deixar o médico, professor ou responsável por estabelecimento de atenção à saúde e de ensino fundamental, pré-escola ou creche, de comunicar à autoridade competente os casos de que tenha conhecimento, envolvendo suspeita ou confirmação de maus-tratos contra criança ou adolescente.

Caso os profissionais deixar de atender, poderão sofrer “Pena – multa de três a vinte salário de referência, aplicando-se o dobro em caso de reincidência”.

Com isso, o professor tem um papel importante de contribuir para minimizar essas ações, através de suas práticas pedagógicas, fazer com que a criança tenha acesso às informações de formas lúdicas, ajudando-as, na identificação de determinadas práticas maliciosas e difíceis de serem identificadas pelas as mesmas.

## **5 O DIALÓGO COM OS DADOS: E OS DESAFIOS DA ABORDAGEM DO TEMA**

Contribuiu com esta pesquisa uma professora alfabetizadora que atua no ensino fundamental nas series iniciais há mais de vinte anos E foi realizado observações na instituição por um período de quatro meses.

### **5.1 Dados da Observação**

As observações de cunho participativo foi no período de quatro meses na referida escola, onde participava como bolsista do PIBID.

Apropriando-se desse espaço, durante estes meses, em uma turma de 2º ano, composta por vinte e seis alunos com idades entre seis e sete anos. Observei que a relação entre professora e alunos, era de aproximação e de afetividade, e visível.

Quando os alunos adentravam na sala, a professora sempre recepcionava-os com abraços e beijos, e, enquanto se organizavam em seus lugares, sempre tinha

uma aluno(a) que conversava com a professora referente a assuntos que estava acontecendo com a mesma

A professora sempre trazia histórias com temas e assuntos diversificados, neste momento ela sempre ficava atenta nas fala e gestos das crianças. Pois as mesmas gostavam de fazer relatos associando suas experiências vividas com a ficção da história. Todos permaneciam atentos e prestavam bastante atenção. A professora narrava a história de forma que “parecia” que os alunos “viajavam” na imaginação vivenciando cada detalhe. Como discorre Rodrigues (2005, p. 4).

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real.

Esse momento da história era muito importante, pois a professora atenta as ações e as expressões caracterizadas pelos alunos, pois, os mesmos expressavam o que eles pensavam e sentiam. Era neste momento que outros assuntos eram abordados, uma vez que os alunos tinham curiosidades e sempre faziam vários questionamentos.

Certo dia uma menina chorando procurou a professora para conversar, ela levou a menina na coordenação da escola para ver o que estava acontecendo.

No dia seguinte o próprio pai trouxe a menina e conversou com a coordenadora, para que fossem tomadas as providências. Dias depois a própria criança relatou-me, que ela sofria muito e que não gostava de ir para a casa do pai, e que ela gostava de ficar com a mãe, pois a filha da madrasta judiava muito dela, brigava e chamava-a de vários nomes, e, por isso ela não gostava da casa do pai.

O choro dela era um choro silencioso e que expressava muita dor. Ela demonstrava ter afeto com a professora e abraçava sempre, falando sobre o que se passava com ela. A professora ouvia-a atentamente, assim a mesma pode intervir com o intuito de ajudar a mesma a enfrentar e romper com o silêncio e a dor que sentia.

## **5.2 Dados produzidos pelos questionários**

No questionamento sobre como identificar crianças que foram ou são vítimas de abusos sexuais infantil?

**(01) Professora 1:** É através de atitudes e conversas informais que acontecem assim que a criança passa a confiar na professora. É fundamental que a criança tenha confiança na professora, e que ela se sinta segura e com liberdade para expressar o que está acontecendo.

A escuta se faz necessária para que a professora possa auxiliar a criança a enfrentar determinada situação. Ippolito e Santos (2011, p. 14) diz que:

A escuta é o primeiro passo para ajudar aqueles que manifestam a necessidade de apoio. O educador pode e deve ser um grande aliado dessas crianças e adolescentes; por isso, faz-se importante que conheça as dimensões do fenômeno e saiba como enfrentá-lo.

Percebe-se, que as alterações de comportamento e a forma que a criança se manifesta para expressar o que sente, a professora relatam que só é possível compreender do que está acontecendo após, as crianças confiarem no professor. Por isso que a conversa é importante, que esse momento possa acontecer em um ambiente tranquilo e seguro sem interferência.

Quando questionada: Se já havia identificado casos de crianças vítimas de violência sexual na instituição em que trabalham, e qual atitudes tomou?

**(02) Professora 1:** Sim, que já havia identificado, porém, naquele caso os pais já sabiam e que já tinham tomadas as devidas providencias, é, só avisaram para que tomasse cuidado com a forma de tratar a criança.

O capítulo II, do Direito à Liberdade, ao Respeito e à Dignidade ECA. No que se refere a liberdade, o capítulo do art. 15 do ECA, diz que:

A criança e ao adolescente tem o direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na constituição e nas leis.

Respeito e compreensão em um momento delicado é muito importante já que o profissional da educação tem este papel de estar atento as mudanças de comportamento do seu aluno contribuindo para a constatação e veracidade do caso dando suporte e apoio à criança e conseqüentemente acionar Concelho Tutelar assegurando perante a lei os seus direitos.

### 5.2.2 Abordagem da questão do abuso sexual na infância

Ao ser questionada: Como ela trabalhava essa temática no cotidiano em sala de aula?

**(03) Professora 1:** E através de conversas informais, livros que abordem o assunto, músicas e etc.

Mais uma vez deixa explicita a importância da confiança e do diálogo como fonte principal de ajuda para resolver ou tentar diminuir os sofrimentos causados pelos os abusos sexuais infantis. As histórias infantis contribuem para o desenvolvimento cognitivo das crianças principalmente nas crianças menores, pois, a linguagem utilizadas nas literaturas trazem uma melhor compreensão do assunto mesmo sendo delicado.

As autoras Soma e Williams (2014, p.3) ressaltam que:

A literatura pode ser uma ferramenta para inspirar, encorajar, informar e potencialmente promover mudanças na vida das pessoas[...]. Ela pode auxiliar as crianças a se tornarem mais conscientes da realidade que as cerca, principalmente quando se trata de crianças que vivem situações difíceis. O enredo de uma história pode proporcionar aprendizado para a criança pelos conflitos dos personagens, suas angústias e alegrias, auxiliando-a a encontrar soluções para suas dificuldades e desafios ou apenas para diverti-las [...].

A literatura nessa concepção permite que as crianças tenham possibilidades de compreender, reconhecendo uma situação de risco e posteriormente denunciar se alguém cometer algo que a mesma possa se sentir constrangida. Além da literatura a professora também trabalhava com outras metodologias de ensino.

Na questão sobre qual a política interna da escola sobre a prevenção da violência sexual infantil?

**(04) Professora 1:** Tentar o máximo combatê-la de forma que quando se é observado pelo o professor é passado a coordenação para que se tome as devidas providencias.

A prevenção é a melhor forma de combater essas situações, Santos e Ippolito (2011, p. 17) dizem que: “Promover prevenção primária englobando várias ações, por parte da comunidade escolar, com o objetivo de eliminar, ou pelo menos reduzir, os fatores sociais, culturais e ambientais que favorecem os maus-tratos”. É importante que os professores estejam sempre participando de palestras, cursos e principalmente participando de formações continuadas.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com os estudos realizados sobre a ação docente na prevenção ao abuso sexual infantil, percebe-se que por muito tempo a criança não era vista nem percebidas na sociedade e eram consideradas como adultos em miniaturas não se distinguindo os mesmos na sociedade.

Ariès (1978) afirma que “as crianças eram retiradas do seio familiar para viver com outras famílias para serem educadas e a prenderem trabalhando com outras pessoas”, assim eram exposta desde cedo a situações de riscos e até mesmo de abusos sexuais infantis. Assunto este que foi considerado por muito tempo tabu, pois, não se ouvia falar com profundidade, mais que estava presente em todos os lugares. A partir desse estudo percebe-se, que o professor pode contribuir para identificar crianças vítimas de abusos e também contribuir para a prevenção.

Com bases nas análises dos dados coletados a partir do questionário aplicado fica nítido que há uma preocupação por parte da professora em trabalhar com este tema. Mesmo diante das dificuldades a professora se preocupa em abordar esse assunto, pois, entende sua importância. Fazer um planejamento diferenciado, valorizando a escuta e o comportamento, estar sempre atenta as crianças que pode falar através de expressões suas necessidades.

Como pedagoga não será uma tarefa fácil trabalhar esse assunto, mas, percebo que há uma necessidade de ser abordado de forma lúdica, para que as crianças possam adquirir esses conhecimentos, através de projetos elaborados e adaptados como; peças teatrais, músicas, filmes e histórias, que podem ser trabalhados como projetos individuais em uma única sala de aula ou desenvolvê-los, para serem apresentados no coletivo para toda instituição escolar.

Esses momentos de interações contribuem com as crianças possibilitando que as mesmas absorvam as informações que ouvirão e visualizarão, compreendem o que é abuso sexual infantil. A experiência de ir à escola campo ver de perto a realidade das ações docente na prevenção ao abuso sexual infantil, contribuiu para minha compreensão sobre essa problemática presente na sociedade atual em que vivemos, praticas cometidas principalmente com as crianças.

É dever de todos assegurar que os direitos das crianças sejam garantidos sejam garantidos.

## REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História social da infância e da família**. Tradução: D. Flaksman. Rio de Janeiro: LCT, 1978.

BEDIN, Silvio Antônio. **Escola**: da magia a criação as éticas que sustentam a escola pública. Passo Fundo: Editora UPF. 2006.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei Federal nº. 8069, de 13 de julho de 1990. São Paulo: Saraiva. 1998.

IPPOLITO, Rita; SANTOS, Benedito Rodrigues dos. **Guia escolar**: identificação de sinais de abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes. Seropédica: Associação Brasileira de Editoras Universitárias, 2011.

IKAWA, Tariana Guimarães. **Abuso sexual de crianças e adolescentes suas consequências psicológicas e tratamento**. 2007. 48 f. Monografia (Graduação em Psicologia)-Faculdade de Ciências da Saúde, Brasília, DF, 2007. Disponível em: <<http://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/2590/2/20312640.pdf>> Acesso em: fev. 2018.

KASTBERG, Nils. Exploração sexual de meninos e meninas: rompamos o silêncio! **Unicef Brasil**. Disponível em: <[https://www.unicef.org/brazil/pt/media\\_13759.html](https://www.unicef.org/brazil/pt/media_13759.html)> Acesso em: maio 2018.

NOGUEIRA, Marcia de Paulo Pinto. Reconstrução de saberes docentes: contribuições da formação continuada nas salas de apoio pedagógico específico. In: SIMPÓSIO EDUCAÇÃO E SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: desafios e propostas, 9., 2014, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: CAP-UERJ, 2014.

Disponível em:

<[http://www.cap.uerj.br/site/images/trabalhos\\_espacos\\_de\\_dialogos/27Nogueira.pdf](http://www.cap.uerj.br/site/images/trabalhos_espacos_de_dialogos/27Nogueira.pdf)

>. Acesso em: maio 2018.

PIMENTA, M. C. **Infância Perdida**. Revista do Ministério Público do Estado de Goiás, v. 17, p. 07-19, 2009.

PROFESSORA 1. **Professora 1**: depoimento [09 maio 2018]. Entrevistadora: Jeciane Ribeiro da Silva. Sinop, MT, 2018. Questionários 3 f. Questionário concedido para o Trabalho de Conclusão de Curso sobre a educação em Sinop.

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, arte e contação de histórias**. Goiânia: Atlas, 2005.

SANTOS, Benedito Rodrigues dos, IPPOLITO, Rita. **Guia escolar rede de proteção à infância**. Seropédica: Rio de Janeiro, 2011.

SOMA, Sheila Maria Prado; WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti. **Livros Infantis para Prevenção do Abuso Sexual Infantil: Uma Revisão de Estudos. Temas em Psicologia**, v. 22, n. 2, p. 353-361, 2014. Disponível em:

<<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v22n2/v22n2a08.pdf>>. Acesso em: maio 2018.

WESTPHAL, Marcia Faira. **Violência e criança**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

WILLIMS, Lúcia Calvancanti de Albuquerque. **Prevenção do Abuso Sexual Infantil: Um Enfoque Interdisciplinar**. 2. ed. Curitiba: Juruá, v. II, 2011.